

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO  
Em 12 de Julho de 2007

Mauro Célio de Almeida Marzochi

Exmo. Sr. Presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, Acadêmico Igor Borges de Abrantes Júnior. Exmo. Sr. Deputado Estadual João Pedro Figueira, aqui representando Sua Exa. o Sr. Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro Dr. César Maia, Presidente de Honra da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Senhores Acadêmicos, autoridades, familiares e convidados aqui presentes.

Hoje se completam 7 meses, desde que, pelas mãos de ilustres colegas e acadêmicos dessa venerável Casa, fui convidado a integrar seus quadros, a participar de suas atividades e a abraçar sua missão institucional.

Após a tocante saudação de nosso ilustre orador, Dr. Omar da Rosa Santos, não poderia me furtar a prestar justa homenagem ao Dr. Waldemar Kischinhevsky, patrono da Cadeira no. 7, da Secção de Ciências Aplicadas dessa douta Academia que hoje passo a ocupar.

Dr. Waldemar marcou sua vida profissional pela sobriedade, competência técnica e capacidade de trabalho ímpar. Filho de imigrantes judeus, Adolpho (escritor) que veio da antiga Bessarábia, na România, ex-república soviética e Berta, proveniente da Rússia, nasceu no Rio de Janeiro em 1925, ficando orfão de pai ainda menino.

Desde criança trabalhou em diversos ofícios. Estudou no Colégio Pedro II, ingressando na Escola de Medicina e Cirurgia em 1946 e se formando em 1951. Casou-se com uma colega de turma, a Dra. Inah Mochel, de família judia alemã, aluna brilhante que tirou o primeiro lugar no vestibular, foi médica dos Correios, e com a qual teve 4 filhos: Artur (médico já falecido), Walter, médico, cardiologista ilustre, professor da UNIRIO e Tenente Coronel Médico da Aeronáutica, Chefe do Serviço de Cardiologia do Hospital do Galeão; Maurício, Doutor em Informática, Prof. Adjunto da UFF e Chefe do Instituto de Computação, e Marcelo, jornalista, Doutor em Comunicação e Professor Convidado da PUC.

Foi co-cunhado do cientista Masao Goto, casado com Arcelina Mochel, ex-vereadora e militante comunista, sendo ele um dos 10 pesquisadores de Manguinhos cassados pelo regime militar na década de 70.

Desde estudante, o Dr. Waldemar acompanhou o Prof. Nicola Caminha, como técnico de Raio X e acadêmico de Medicina, Área a qual devotou toda sua vida profissional. Na década de 50, ingressou na FAB, onde fez carreira, atingindo o Generalato como Brigadeiro-Médico, o primeiro brigadeiro judeu do Brasil, passando para a reserva em meados dos anos 80.

Foi médico do Estado do Rio e de diversas clínicas privadas, e Professor da Faculdade de Medicina de Petrópolis por mais de 15 anos.

Em 1967, foi admitido como Prof. Auxiliar de Radiologia Clínica da Escola de Medicina e Cirurgia, atual UNIRIO, cujo catedrático, Prof. Guilherme Dias, ocupou, desde 1937, a primeira Cátedra de Radiologia do Brasil. Com a aposentadoria compulsória do Dr. Guilherme Dias, dividiu com Atílio Conte e Lauro Coutinho a responsabilidade da Cadeira até

1977. Nesse mesmo ano, a convite, chefiou o Serviço de Radiologia do Hospital dos Servidores do Estado - HSE.

Em 1975, prestou concurso de Livre Docência para a Faculdade de Medicina da UFRJ com tese sobre a radiologia no mieloma múltiplo e, em 1978, prestou concurso para Prof. Titular da UNIRIO, sucedendo o Dr. José Guilherme, com tese sobre a radiologia na anemia por células falciformes, trabalho pioneiro e de grande impacto social. Essa função exerceu até 1995, quando se aposentou.

Pertenceu, desde 1968, às Sociedades Brasileira de Radiologia, Brasileira de Reumatologia e presidiu o Colégio Brasileiro de Radiologia e a Sociedade de Radiologia do Rio de Janeiro, nas quais ocupou diversos cargos diretivos. Participou de comissões organizadoras e presidiu diversos congressos científicos brasileiros e o Congresso Internacional de Radiologia, no Rio de Janeiro, em 1977.

Participou de diversos cursos, conferências, aulas, palestras, publicações, capítulos de livros, bancas de concursos etc.

Foi chefe do Serviço de Radiologia do Hospital Central da Aeronáutica por muitos anos, Diretor do mesmo Hospital por dois mandatos, do Centro de Medicina Aeroespacial (CEMAL), do Centro de Seleção e Controle da Aeronáutica e Sub-Diretor da Diretoria de Saúde (DIRSA).

Na UNIRIO, foi chefe do Depto. de Patologia e de Disciplinas de Apoio por vários anos, integrando Conselhos Superiores, como o Conselho Universitário, por cerca de 8 anos. Foi Decano do Centro de Ciências Biológicas e de Saúde (1986-1992), recebendo o título de Professor Emérito em 1999.

Pertenceu à Academia Brasileira de Medicina Militar (era Secretário Geral quando adoeceu em 1999) e à Academia Nacional de Medicina, desde 1990. Lá, ocupou a Cadeira no. 96 cujo Patrono é Oswaldo Cruz, substituindo o acadêmico Osolando Júdice Machado e apresentando como memória um trabalho sobre a radiologia do tórax na infecção pelo HIV. Foi 2o. Secretário na gestão de Jarbas Porto na Academia Nacional de Medicina.

Em 1997, participou da fundação da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Em 2003, grave doença o abateu, vindo a falecer em 30 de abril desse mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro, aos 77 anos.

Nestes poucos minutos que me restam, não poderia deixar de lembrar e dedicar, também, minha homenagem, a algumas pessoas ímpares, responsáveis pela minha trajetória humana e profissional.

A meus pais, o Prof. Floriano, que não mais se encontra entre nós, e a D. Júlia, que a estas horas deve estar de terço na mão, na longínqua Votuporanga, interior de São Paulo, dedicando a nós suas orações diárias. À eles devo agradecer por tudo em minha vida, principalmente por terem me ensinado um valor nem sempre fácil de aprender e muito mais difícil ainda de praticar: o respeito ao próximo.

Em minha vida profissional, não poderia deixar de recordar o Prof. Samuel Pessoa, que com seu entusiasmo e otimismo insuperáveis, capazes de "tirar leite de pedra", mas com críticas mordazes às injustiças sociais reinantes no Brasil, me induziu a ingressar na Carreira Universitária e Científica. Carreira que abracei, ainda na Faculdade de Medicina de

Ribeirão Preto, como Instrutor Voluntário do Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, no mesmo Departamento, tendo como orientador o Prof. José da Rocha Carvalheiro.

Por indicação do Prof. Samuel, em 1971, fui trabalhar na Universidade Estadual de Londrina, no norte do Paraná, onde conheci e me enamorei de minha professora e, ao mesmo tempo, colega Keyla Belizia Feldman. O pai dela, Abrahan Leib Feldman (Seu Luis), de família judia, também viera da Bessarábia.

Keyla era Professora Assistente do Serviço de Doenças Transmissíveis daquela Universidade, levada para Londrina pelo Prof. Vicente Amato Neto, de quem havia sido Médica Residente, em São Paulo. Casamo-nos em 1º. de setembro de 1973, numa tarde fria e chuvosa, no Iate Clube de Londrina, as margens do Lago Igapó.

No dia 7 do mês 7 de 1977, nossa mudança chegava a Rua Grajaú 96, no bairro do Grajaú da Cidade do Rio de Janeiro e, coincidentemente, no dia 7 do mês 7 de 2007, 7 meses após ter sido convidado, começava rabiscar essas "mal traçadas linhas", para a minha posse na Cadeira no. 7, da Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

Nossa vinda para o Rio, no entanto, se deve a alguns grandes mestres que, não por coincidência, pertencem, como membro ou Patrono, a essa Academia.

O Prof. José Rodrigues Coura que tinha a Keyla como sua aluna no mais importante Curso de Pós-graduação em Doenças Infecciosas do Brasil, ou das Américas, por ele coordenado junto com a Profa. Lea Camillo-Coura, sediado no antigo Pavilhão Carlos Chagas da UFRJ, obrigando-me a freqüentes viagens de Londrina para o Rio de Janeiro, e o Prof. Luis Fernando Ferreira, professor de Parasitologia do mesmo Curso que, por ter me conhecido nessas andanças, convidou-me a prestar concurso para Professor Adjunto no Departamento de Ciências Biológicas que ele dirigia na Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, realizado no início do ano de 1977.

Não posso deixar de lembrar ainda de Sérgio Arouca, amigo e ex-colega de curso de Ribeirão Preto que, ao assumir a presidência da FIOCRUZ, em 1985, propiciou as condições necessárias para que a Instituição se desenvolvesse solidamente em várias áreas técnico-científicas e se projetasse nacional e internacionalmente, ampliando o legado de Oswaldo Cruz e propiciando o crescimento intelectual e científico de uma plêiade de jovens, de diferentes formações profissionais, que também amadureceram à sombra de um contagiante entusiasmo que perdura até os dias atuais.

Algumas testemunhas desse processo estão hoje entre nós como Paulo Gadelha, Keyla Marzochi, Adauto Araújo e tantos outros que estão aqui.

Mas, não pára por aí meus débitos de reconhecimento. Convidado pelo então Deputado Federal Ronaldo Cezar Coelho, que acabava de assumir a Secretaria Municipal de Saúde, em junho de 2001, para ser seu Subsecretário, mal poderia imaginar que estava fadado a mergulhar nas entranhas da gestão da Saúde Municipal, até então muito pouco conhecida pela opinião pública, e com inúmeros problemas e desafios a serem enfrentados.

O Município contava à época com 39 mil servidores na Saúde, dos quais 17 mil com matrícula federal, em contagem regressiva para a aposentadoria; mais de 160 unidades de Saúde, das quais 17 hospitais, sendo 5 maternidades; e as três maiores Emergências da Região Metropolitana. O Município havia nos anos anteriores dobrado o tamanho de sua rede

própria, devido às recentes municipalizações de unidades até então federais; a rede básica estava carente, sem telefone ou fax em parte dos Postos de Saúde; a informatização inexistia e, além de tudo, por falta de investimentos estaduais, o município tendo que assumir uma demanda metropolitana por serviços de saúde para mais de 10 milhões de pessoas e o custeio e manutenção de um patrimônio imobiliário correspondente a 36 Maracanãs de área física construída, e com lotação esgotada.

O contagiante entusiasmo de um Secretário, não médico, e com sua "sensibilidade hipocondríaca", conseguiu captar tanto as agruras dos profissionais de saúde, mal remunerados e em condições de trabalho nem sempre adequadas, como as necessidades e as dificuldades da população no acesso aos serviços de saúde. Não fosse isso, não teriam sido criadas as condições racionais necessárias para uma negociação com o governo federal, através de acordo jurídico, a partir do ano de 2005, tão favorável à sustentabilidade da gestão municipal nesta Área.

Diante desse quadro, tornei-me menos cientista, mas ganhei mais humanidade. Sou grato ao Ronaldo por me ensinar a sonhar, mesmo diante das adversidades, reais ou fabricadas por interesses políticos circunstanciais. Sou grato também a Dra. Márcia Mochel que, no período que respondi pela gestão da Saúde Municipal, foi minha principal colaboradora na gestão e na elaboração da proposta de descentralização administrativa da mesma. E, por coincidência do destino, a Dra. Márcia vem a ser sobrinha de meu Patrono na Academia, Dr. Waldemar Kischinhevsky, e que aqui, juntamente com o Dr. Mauricio Kischinhevsky, se encontram representando a família. Sou grato também ao atual Secretário Jacob Kligerman e a toda sua valorosa equipe, por terem dado continuidade aos nossos sonhos.

E, por último, não poderia deixar de homenagear e lembrar a contribuição de minha família, minha irmã Maria da Graça que não pôde vir, tios, representado aqui pelo tio Célio, de São Paulo, primos, sobrinhos Débora e Allan e cunhados Sônia e Denis, meu esteio, minha fonte de energia e de felicidade pessoais e minha razão de continuar a acreditar que tudo vale a pena quando impera o amor.

À Keyla, minha amada e companheira de todas as horas que, de bronca em bronca, de sermão em sermão e de carinho em carinho é incansável em querer corrigir as minhas imperfeições, que são muitas, mas nem sempre consegue. Felizmente, ela nunca desiste.

Aliás, a Keyla é quem deveria estar em meu lugar, sendo empossada nesta Academia, pelo muito que vem contribuindo como médica e pesquisadora para que a Pesquisa Clínica atual no Brasil deixe de ser predominantemente exercida como validação pseudocientífica dos interesses mercadológicos de novos medicamentos e de tecnologias de diagnóstico, mas para resgatar a missão de Gaspar Vianna, Carlos Chagas, Evandro Chagas, Rodrigues da Silva e tantos outros que já se foram e se devotaram à compreender e a buscar soluções para os problemas de saúde do povo brasileiro.

A meus queridos filhos, Samira, Ilana e Saulo, genros e nora, os meus agradecimentos pelo muito que aprendi com vocês e pela alegria que sempre nos deram. E que perdoem minhas omissões que, pela cegueira de minha vaidade, muitas vezes travestida de eficiência profissional, pôde ter me impedido de enxergar e me solidarizar com as dificuldades pessoais que porventura tenham passado.

No entanto, ainda me resta a esperança de me tornar melhor.

E, por último, venho agradecer, de coração, a solidariedade e a hospitalidade de todos os Acadêmicos que me incentivaram a concorrer e que aqui me receberam de braços abertos, tal como o Cristo Redentor sobre o Corcovado, a mais nova maravilha do mundo moderno.

O meu muito obrigado à todos e, Viva a Cidade Maravilhosa !!